

Annie[®]

The logo for 'Annie' features the name in a large, bold, black, rounded font with a white outline. A small, stylized cartoon character with curly hair, wearing a dark jacket and light pants, is positioned behind the letter 'n'. A registered trademark symbol (®) is located at the top right of the word.



Thomas Meehan

Tradução de Carolina Selvatici



Copyright © Thomas Meehan, 1980

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução no todo ou em parte, em quaisquer meios.

Publicado mediante acordo com Puffin, uma divisão de Penguin Young Readers Group, membro do Penguin Group (USA) LLC, uma empresa Penguin Random House

TÍTULO ORIGINAL
Annie

PREPARAÇÃO
Suelen Lopes

REVISÃO
Milena Vargas
Marcela Lima

DIAGRAMAÇÃO
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
M444a

Meehan, Thomas, 1929-

Annie / Thomas Meehan ; tradução Carolina Selvatici. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2014.

208 p. ; 21 cm.
Tradução de: Annie
ISBN 978-85-8057-616-0

1. Romance infantojuvenil americano. I. Selvatici, Carolina.
II. Título.

14-15508

CDD: 028.5
CDU: 087.5

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Este livro é para os meus filhos,
Kate e Joe, que agora já são crescidos,
e para duas meninas,
Emma Van Brocklin e Sasha Berman.*

INTRODUÇÃO

Há muitos anos, em 1924, Annie veio ao mundo como uma menina de onze anos, personagem principal de uma tira de jornal chamada *Annie, a Pequena Órfã*. Criada por um quadrinista e escritor de Indiana, Harold Gray, *Annie, a Pequena Órfã* se tornou muito popular entre os leitores de tirinhas dos Estados Unidos e já aparecia nas páginas dos jornais de todo o país havia quarenta e oito anos quando me vi às voltas com a personagem pela primeira vez, em 1972 — provavelmente muito antes de qualquer um de vocês ter nascido ou sonhado em nascer.

Já envolvido com ela, um amigo meu, Martin Charnin, diretor e letrista de musicais da Broadway, me pediu para ajudá-lo a transformar *Annie, a Pequena Órfã* em um musical — para o qual ele escreveria a letra das músicas, eu escreveria o livro e outro amigo dele, Charles Strouse, um compositor da Broadway vencedor do Tony Award, comporia a melodia. Nessa época, eu escrevia pequenos contos de comédia e artigos para várias revistas, especialmente a *The New Yorker*, mas, apesar de sempre ter sido apaixonado pelo palco, nunca havia escrito nada para o teatro. Por isso, fiquei muito animado e levemente ansioso com a possibilidade de escrever o livro do musical que, imediatamente, decidimos chamar apenas de *Annie*.

Eu deveria explicar que o livro de um musical (também conhecido como libreto) é diferente do livro que você vai ler. Na verdade, é o roteiro de uma peça, ou seja, a história completa do musical em diálogos, com inserções de espaços em branco em todas as cenas

em que músicas e/ou coreografias sugeridas entrarão posteriormente, como passas em um pão de passas. Depois de aceitar escrever o roteiro de *Annie*, fui aos arquivos do *New York Daily News*, um jornal com sede na rua Quarenta e Dois, que publicava a tira *Annie, a Pequena Órfã* desde o início. Passei várias horas de muitos dias seguidos lendo os quarenta e oito anos da tirinha, publicada em preto e branco diariamente e em cores aos domingos. E adivinhe? Em tantos anos de tirinhas, não consegui encontrar uma história central coerente que pudesse ser a base para um musical da Broadway. Um pouco desanimado, fui conversar com meus parceiros, Martin e Charles, e disse que só havia conseguido encontrar três personagens úteis para o musical: a menina mais pobre do mundo, o homem mais rico do mundo e um cachorro chamado Sandy. Em resumo, disse a eles, eu teria que inventar uma história. E foi o que fiz.

Primeiro, decidi que a história deveria se passar em Nova York, que não era o cenário da tira original, porque era a cidade que nós três, nova-iorquinos, conhecíamos melhor. Em 1972, quando comecei a escrever *Annie*, Richard Nixon era o presidente dos Estados Unidos, o país estava atolado na impopular Guerra do Vietnã e havia a sensação de que o governo federal não se interessava muito pelo bem-estar do povo americano. Por isso, com a nação de 1972 em mente, decidi transformar outro período de grande crise do país em cenário para *Annie*: a Grande Depressão de 1933, quando Franklin D. Roosevelt se tornou presidente pela primeira vez. E tive até a ideia de tornar Roosevelt um personagem do musical.

Eu havia decidido o local e a época em que o musical aconteceria, mas qual seria a história? Um dos meus autores favoritos de todos os tempos sempre fora Charles Dickens, o brilhante escritor britânico do século XIX, criador de romances clássicos como *Oliver Twist*, *David Copperfield*, *Grandes Esperanças* e *Um conto de Natal* — apenas para mencionar alguns de seus livros incrivelmente divertidos e emocionantes. Então percebi que Annie, uma órfã pobre e tratada de forma cruel, era uma versão americana e do século XX de um personagem de Dickens, e que eu podia seguir aquele mesmo estilo para escrever *Annie*. Dickens era, sobretudo, um excelente contador de histórias, e notei que quase todos os romances dele começavam com um mistério que acabava sendo solucionado nas últimas páginas do livro. Qual seria então o mistério? Uma órfã de dois meses, Annie, é abandonada nos degraus de um orfanato com um medalhão de prata quebrado em torno do pescoço e um bilhete, sem assinatura, preso a seu cobertorzinho com os dizeres: “Por favor, cuidem bem da nossa menininha. O nome dela é Annie e nós a amamos muito. Ela nasceu no dia 28 de outubro. Logo vamos voltar para buscá-la. Deixamos metade de um medalhão em torno do pescoço dela e guardamos a outra metade, pois, assim, quando voltarmos, saberemos que ela é a nossa filha.” É com esse mistério que *Annie* começa. Quem a deixou no orfanato? Será que foram os pais, como Annie acredita desde pequena? Mas quando eles vão voltar para buscá-la? Será que, como Annie pergunta na música de abertura do musical, eles estão “talvez muito longe, talvez muito perto”? Quando Annie aparece pela primeira vez no espetáculo,

onze anos se passaram desde que ela foi deixada no orfanato e, concluindo que seus pais não vão voltar para buscá-la, ela foge para tentar encontrá-los sozinha. A busca de Annie pelos pais e a resolução do mistério são o que forma a narrativa básica do roteiro do musical e de sua encarnação posterior, o livro que vocês vão ler agora.

Após terminar o primeiro rascunho do livro do musical e mostrá-lo a Martin e Charles, fiquei encantado ao ver que estavam satisfeitos com ele. No entanto, eles apontaram um grande problema: era longo demais e resultaria em um espetáculo de três horas e meia, sendo que a duração ideal para um musical da Broadway é de pouco mais de duas horas. Então, comecei a cortar cena após cena de *Annie*, até chegar ao tamanho certo. Quando estreou na Broadway, na primavera de 1977, fico feliz em dizer, o musical foi um grande sucesso, e recebeu o Tony Award na categoria de Melhor Musical do Ano, e também em seis outras — inclusive o que o sortudo aqui recebeu, o Tony de Melhor Livro de Musical. E, nos anos que se passaram desde então, *Annie* foi reencenada não só nos Estados Unidos, mas em todo o mundo.

Contudo, sempre senti falta das muitas cenas que tive que cortar do primeiro rascunho. Por isso, um dia, de repente, gritei para mim mesmo: “Eureca! Já sei!” Se Dickens pode escrever um romance sobre um órfão como *Oliver Twist*, eu posso escrever um romance sobre uma órfã, Annie, e incluir nele uma versão narrativa de todas as cenas que fui obrigado a cortar do musical. Pela primeira vez, a história de Annie que eu havia imaginado tantos anos antes seria contada de forma completa!

Tenha a certeza de que, se você já viu *Annie* no palco ou assistiu a alguma das versões do musical no cinema, ainda não sabe muita coisa sobre a menina. Até agora, pois tudo vai mudar quando você virar as páginas até o primeiro capítulo. Espero que goste de ler este livro tanto quanto gostei de escrevê-lo. Adiante!

Thomas Meehan

27 de maio de 2013

Um

Muito tempo atrás, nas primeiras horas escuras e tranquilas da manhã do dia primeiro de janeiro de 1933, uma neve suave caía nas ruas frias e desertas de Nova York. O tempo passava lentamente, até que a calma invernal foi interrompida pelo badalar dos sinos, anunciando as quatro horas da manhã no campanário da igreja de St. Mark in-the-Bowery.

A algumas quadras da igreja, na St. Mark's Place, no dormitório do segundo andar do anexo feminino do Orfanato Municipal da Cidade de Nova York, uma menina de onze anos estava parada, sozinha, em frente a uma janela congelada. Tremendo em uma fina camisola branca de algodão, ela ouvia o badalar dos sinos enquanto observava a neve cair rodopiando sob a luz dos postes. De tempos em tempos, ela olhava, ansiosa, para um dos lados da rua, depois para o outro. Esperava que alguém fosse buscá-la. Que a tirassem do orfanato. No entanto, ninguém aparecia. Magra e um pouco baixa para sua idade, a menina tinha um nariz levemente arrebitado e uma juba indomável de cabelo ruivo e curto. Mas sua característica mais marcante eram os brilhantes olhos azul-cinzentos, que

estranhamente pareciam refletir, ao mesmo tempo, uma tristeza profunda, uma alegria incontrolável e uma incrível inteligência. O nome dela era Annie.

No dormitório frio, as outras meninas — dezessete, ao todo — haviam adormecido já fazia muito tempo, murmurando e até gritando em seus sonhos conforme se agitavam nas camas estreitas, sob cobertores do exército incômodos e surrados. Mas Annie ficara acordada a noite toda. Mais cedo, enquanto ainda tentava dormir, a menina se mantivera desperta por causa do barulho dos festejos de ano-novo: gritos, bêbados cantando, buzinas e cornetas. No entanto, muito tempo depois da meia-noite, quando tudo já estava em silêncio na St. Mark's Place e a neve começara a cair, Annie continuava sem conseguir dormir. Por fim, ela se levantara da cama e se aproximara da janela para fazer uma vigília silenciosa naquela noite gelada e esperar.

Desde que conseguia se lembrar, Annie não era capaz de dormir na noite de ano-novo. Isso porque o ano-novo marcava a noite, onze anos antes, que ela fora deixada, aos dois meses de idade, dentro de uma cesta de vime, na escadaria do orfanato. Alguém havia tocado a campainha e fugido. Annie fora encontrada enrolada em um velho cobertor de lã cor-de-rosa e com metade de um medalhão de prata pendurado no pescoço. Um bilhete sem assinatura tinha sido preso ao cobertor com um alfinete. “Por favor, cuidem bem da nossa menininha”, dizia o bilhete. “O nome dela é Annie e nós a amamos muito. Ela nasceu no dia 28 de outubro. Logo vamos voltar para buscá-la. Deixamos metade de um medalhão em torno do pescoço dela e guardamos a outra metade, pois, assim, quando voltarmos, saberemos que ela é a nossa filha.”

Annie

Como havia sido deixada no orfanato na noite de ano-novo, Annie enfiara na cabeça que seus pais voltariam para buscá-la em outra véspera de fim de ano. Por isso, todos os anos, enquanto as outras crianças contavam os dias para o Natal, Annie contava os dias para o ano-novo. Mas, ano após ano, acabava decepcionada. O pai e a mãe dela não apareciam para buscá-la. E era quase certo que eles não iriam aparecer naquele ano também. Quando a neve começou a cair com mais força, Annie suspirou e esfregou os olhos para não chorar.

— Eles disseram que me amavam e que iam voltar para me buscar. Está no bilhete — sussurrou para si mesma no escuro. — Onde eles estão? Por que não vieram me pegar?

Annie agarrou a metade do medalhão de prata que pendia de seu pescoço, sempre, dia e noite, e a apertou com força contra o peito.

— Mamãe, mamãe, mamãe!

A menor das órfãs da instituição, Molly, de seis anos, havia acordado de um pesadelo e gritava, chamando a mãe. A mãe de Molly tinha morrido dois anos antes em um acidente de carro, que também havia matado seu pai. Por isso, apesar de ser uma criança extremamente bonita, Molly era uma órfã que ninguém queria adotar. Uma órfã como todas as outras meninas do orfanato. Menos Annie. Annie era diferente porque *tinha* um pai e uma mãe. Em algum lugar.

— Mamãe, mamãe! — gritou Molly mais uma vez, acordando as meninas nas camas ao redor da dela.

— Cale a boca! — berrou Pepper da cama ao lado.

— É, ninguém está conseguindo dormir... — resmungou Duffy.

— Mamãe, mamãe! — berrou Molly de novo.

Thomas Meehan

— Eu mandei você fechar essa matraca, Molly — disse Pepper, e saiu irritada da cama, levantou Molly e empurrou a menina no chão.

Aos quatorze anos, Pepper era a mais velha e a maior das órfãs. Era uma menina briguenta de nariz achatado, rosto cheio de sardas e com um cabelo comprido e bagunçado, ainda mais ruivo do que o de Annie.

— Ahhhh... Pare de empurrar a menina — disse July. — Ela não fez nada com você.

A mais gentil das órfãs — mas não exatamente a mais bonita —, July, de doze anos, havia recebido esse nome simplesmente por ter sido abandonada no orfanato, ainda bebê, no Quatro de Julho.

— Ela não está me deixando dormir — retrucou Pepper.

— Não, *você* não está deixando *a gente* dormir — afirmou July.

— Quer resolver isso comigo agora? — perguntou Pepper, andando até a cama de July.

— Ah, vejam só a grande lutadora de boxe do orfanato — brincou July.

Um segundo depois, ela e Pepper estavam rolando no chão, em uma briga cheia de gritos, socos e puxões de cabelo que acordou Tessie, de oito anos, em sua cama na outra extremidade do dormitório.

— Ai, meu Deus. Ai, meu Deus. Elas estão brigando, e eu não vou conseguir dormir a noite toda — choramingou Tessie, uma menina pálida e assustada com marias-chiquinhas louras, um nariz aquilino fino e quase nenhum queixo. — Ai, meu Deus. Ai, meu Deus!

Annie apenas observava em silêncio da janela. Mas então ela se aproximou e separou a briga entre Pepper e July.

— Ah, por favor, vocês duas. Parem com isso e voltem para a cama — ordenou, afastando as briguentas.

Annie

— Ah, vá se catar, Annie — murmurou Pepper, encarando raivosamente a menina ao voltar para a cama pisando forte.

Mas Pepper não tentou arranjar briga com Annie. Apesar de ser muito menor do que a órfã mais velha, Annie era considerada por todas a mais durona. Até Pepper tinha medo dela. Annie também era a mais esperta, e a líder natural, especialmente nas incessantes batalhas contra a diretora do orfanato, a Srta. Agatha Hannigan.

— Foi Pepper que começou, Annie — disse July. — Ela empurrou Molly.

— Eu sei — afirmou Annie, dando tapinhas no ombro da amiga. — Mas vocês têm que voltar a dormir. Todas vocês.

— Está bem, Annie — respondeu July, voltando para a cama enquanto Annie ia tranquilizar Molly, que ainda estava encolhida no chão.

Ajoelhando-se ao lado da garota, Annie pegou Molly nos braços.

— Está tudo bem, Molly. Estou aqui — afirmou, fazendo carinho nos cabelos compridos e negros da menina.

— Era a minha mamãe, Annie — contou Molly, lágrimas escorrendo pelas bochechas rosadas. — A gente estava andando na balsa, e ela me levantava para que eu pudesse ver os navios grandes. Depois ela andava para longe, dava tchau, e eu não via mais a minha mãe. Em lugar nenhum.

— Foi só um sonho, querida — disse Annie, secando os olhos de Molly com a manga da camisola. — Agora você tem que voltar a dormir. Já passou das quatro.

— Annie — pediu Molly. — Leia o seu bilhete para mim.

— De novo?

Thomas Meehan

— *Por favor.*

— Está bem, Molly — concordou Annie.

Então, da cesta de vime gasta que guardava embaixo da cama — a mesma cesta em que havia sido deixada no orfanato e onde mantinha seus poucos pertences —, Annie tirou o bilhete e começou a lê-lo em voz alta, à luz pálida dos postes, que entrava de modo oblíquo no dormitório. Annie havia dobrado e desdobrado o bilhete tantas vezes que o papel estava quase se desfazendo. Tinha sido escrito com uma letra redonda, feminina, em um quadrado de papelão azul-claro.

— Por favor, cuidem bem da nossa menininha — começou Annie. — O nome dela é...

— Ai, não, lá vem você de novo — resmungou Pepper.

Nos anos todos em que estiveram juntas no orfanato, Annie lera o bilhete em voz alta para elas duas ou três vezes por semana, em média.

— O nome dela é Annie — cantarolou Duffy, zombando.

Baixinha, gordinha e com cabelos louros desgrenhados, Duffy, de treze anos, era a melhor amiga de Pepper.

— Ela nasceu no dia 28 de outubro — continuou Duffy. — Logo vamos voltar para buscá-la.

Então todas as órfãs começaram a rir da interpretação feita por Duffy. Todas, menos Molly e Tessie.

— Ai, meu Deus. Agora elas estão rindo, e eu não vou conseguir dormir nada — choramingou Tessie. — Ai, meu Deus. Ai, meu Deus.

Annie se levantou com raiva, pôs as mãos nos quadris e encarou as meninas que riam.

Annie

— Escutem aqui — disse. — Vocês querem dormir com todos os dentes na boca ou não?

Silêncio. Todas, inclusive Pepper, voltaram a se deitar sem fazer barulho. Annie terminou de ler o bilhete e, depois, dobrando-o com todo cuidado, devolveu-o à cesta. Então pegou Molly no colo e a levou para a cama. Annie cobriu a menina e deu um leve beijo em sua testa.

— Boa noite, Molly — sussurrou.

— Boa noite, Annie — respondeu Molly. — Você tem sorte. Eu sonho que tenho um pai e uma mãe. Mas você tem pais de verdade.

— Eu sei — disse Annie suavemente. — Em algum lugar. Em algum lugar.

Minutos depois, Molly e as outras órfãs voltaram a dormir. Mas Annie ainda não conseguia. Ela retornou à janela para observar a neve cair. Parada ali, começou a sonhar acordada com seu pai e sua mãe. Talvez estivessem muito perto, pensou, ou talvez muito longe. O pai, ela sabia, era um homem grande e forte, que ria e sorria ao mesmo tempo e que a pegaria no colo, lhe daria um abraço de urso e a giraria no ar. Ele era advogado, ou talvez até mesmo médico, e ajudava pessoas pobres. E a mãe era uma mulher bondosa e gentil, de cabelos dourados, que tocava piano e costurava melhor do que uma costureira profissional. Ela teria feito dúzias de lindos vestidos para Annie. Os vestidos, de todas as cores do arco-íris, estariam pendurados em um armário, esperando o dia em que Annie voltaria para casa. Annie e os pais viveriam no interior, em uma casa coberta de videira, em uma colina. Haveria um enorme jardim na frente e, da varanda, ela poderia ver quilômetros de campos verdejantes

Thomas Meehan

até um sinuoso rio distante. Nas tardes de verão, Annie, a mãe e o pai, os três juntos, andariam pelos campos até o rio e fariam um piquenique com ovos apimentados e limonada, enquanto observariam cisnes passarem. Em seu quarto, Annie teria uma cama com dossel, uma casa de bonecas de três andares e um cavalinho de madeira vermelho e branco e... Uma carroça de leite, puxada por um cavalo, entrou na St. Mark's Place, fazendo Annie acordar, assustada, do seu devaneio. Ela ouvia o som da carroça de leite passando pela janela de madrugada desde que podia se lembrar. Annie, então, começou a pensar em todos os seus longos anos no orfanato. E quase nenhuma de suas lembranças daqueles anos era feliz.